

**MÉTODO FENOMENOLÓGICO HERMENÊUTICO EM SER E TEMPO E  
PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA FENOMENOLOGIA DE MARTIN  
HEIDEGGER E A FINITUDE.**

HERMENEUTIC PHENOMENOLOGICAL METHOD IN *BEING AND TIME* AND  
MARTIN HEIDEGGER'S FUNDAMENTAL PROBLEMS OF PHENOMENOLOGY  
AND FINITUDE.

**Rogério Tolfo<sup>1</sup>**  
rtolfo@uesc.br

**RESUMO**

Este artigo visa, inicialmente, tanto uma reconstrução analítico-sistemática do conceito preliminar de fenomenologia presente em *Ser e Tempo* quanto das etapas do método de acordo com *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Por fim, pretendemos mostrar, a partir de passagens sobre a interpretação fenomenológica realizada por Heidegger, sobre a questão do ser em Kant em *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, que a questão do ser, na tradição, toma um ente (ente diferenciado dos demais) como ser e como não finito. Deste modo, visamos apontar para a questão da finitude presente neste período do pensamento de Martin Heidegger.

**Palavras-chave:** Fenômeno. *Logos*. Fenomenologia. Ontologia. Finitude.

**ABSTRACT**

This article initially aims at both an analytical-systematic reconstruction of the preliminary concept of phenomenology present in *Being and Time* and the stages of the method according to *Fundamental Problems of Phenomenology*. Finally, we intend to show, from passages on the phenomenological interpretation carried out by Heidegger, on the question of being in Kant in *Fundamental Problems of Phenomenology*, that the question of being, in tradition, takes an entity (different entity from the others) as being and how not finite.

**Keywords:** Phenomenon. *Logos*. Phenomenology. Ontology. Finitude.

---

<sup>1</sup> Docente na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Faremos uma rápida exposição da proposta de retomada da questão ontológica em *Ser e Tempo* de Heidegger. Em seguida apresentaremos a abordagem heideggeriana dos conceitos de fenômeno e *Logos* e do conceito preliminar da fenomenologia na mesma obra. Depois disso, serão expostas as etapas do método fenomenológico de acordo com *Problemas Fundamentais da Fenomenologia* e, por fim, veremos como Heidegger diagnostica na tradição que a ideia de ser é extraída de um ente e que a apreensão do ser na tradição guia-se pela ideia de presença à vista.

## O PROGRAMA ONTOLÓGICO DE *SER E TEMPO*

Em *Ser e Tempo*, Heidegger pretende recolocar a questão ontológica ou questão do ser. Segundo este filósofo contemporâneo, esta questão caiu no esquecimento em nosso tempo. Há, de acordo com o referido filósofo, a necessidade de se repetir, de novamente se colocar o problema ontológico. As justificativas do referido autor para este propósito serão apresentadas adiante.

A questão ontológica foi a questão que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles. Ainda, de acordo com *Ser e Tempo*, o que estes conquistaram se manteve, ao longo da história da filosofia, em várias distorções e recauchutagens e, mesmo considerando que Platão e Aristóteles tenham conquistado algo, a referida questão não foi colocada de modo adequado pelos gregos. Na própria interpretação do ser realizada pela filosofia grega formou-se o dogma que diz que a questão do sentido do ser é supérflua. Este dogma está baseado em alguns preconceitos. Em *Ser e Tempo* estes preconceitos são discutidos com o intento de mostrar que a questão do sentido do ser, ao contrário do que acreditava o filosofar grego, deve ser tematizada<sup>3</sup>. Após discutir brevemente alguns dos preconceitos que sustentam o dogma,

---

<sup>2</sup> A base deste artigo é um relatório final de pesquisa realizado em 1997, na UFSM, com a orientação do Professor Dr. Róbson Ramos dos Reis. Aqui, revisamos e ampliamos o texto do referido relatório além de acrescentar outras partes. Algumas passagens são idênticas ao referido relatório.

<sup>3</sup> O sentido é a condição de possibilidade a partir da qual algo se mostra. É a perspectiva na qual deve ser colocada a questão ontológica. Sobre a noção de sentido ver *Ser e Tempo* de Heidegger (2001), parte I, p. 208 e parte II, p.118.

que surgiu na ontologia grega, Heidegger conclui que é necessário que se recoloca a questão do ser e do sentido do ser<sup>4</sup>.

Dado que a questão do ser deve ser abordada, Heidegger necessita ainda apresentar as razões que justificam a retomada deste problema. A princípio são expostas três justificativas. São elas:

- I) A dignidade da proveniência deste problema. Provém da tradição filosófica;
- II) A falta de uma resposta adequada à questão;
- III) A própria falta de uma pergunta adequada da questão.

Estas razões não são suficientes para justificar a repetição do problema ontológico. As razões positivas são apresentadas com a tematização dos primados ôntico e ontológico da questão do ser. O primado ontológico desta questão consiste no fato de que é a ontologia que propiciará a fundamentação das ciências positivas, assim como da própria ontologia. Para chegar à demonstração do primado ôntico da questão, Heidegger fala antes do existente humano<sup>5</sup>. O *Dasein* é o ente que tem compreensão de seu ser. Isto quer dizer que este ente compreende sua existência e a compreende como poder ser, como projetar possibilidades. Esta compreensão é um assunto ôntico do ente humano (ela se dá no fato concreto do existir). No seu compreender, o *Dasein* não apenas compreende seu ser, mas também o mundo e os entes que estão no mundo. Nisto consiste o primado ôntico da questão do ser, pois uma investigação ontológica é sempre uma possibilidade a ser projetada pelo ente humano, a partir da compreensão ôntica da sua existência.

Esclarecido isso, veremos, a seguir, o que Heidegger entende por método fenomenológico, o método próprio à investigação ontológica e, portanto, da filosofia, relação evidente na afirmação de que “*o ser é o único tema próprio da filosofia*” (HEIDEGGER, 2012, p. 22, grifo do autor). Nesta frase fica explicitamente indicada a relação entre ser (ontologia) e filosofia em Heidegger. Dito isso, passaremos a apresentação do método fenomenológico de acordo com *Ser e Tempo*.

---

<sup>4</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 29-30).

<sup>5</sup> O existente humano ou ente humano é também designado pelo termo técnico *Dasein*. Este termo tem a significação de ser-aí ou estar-aí.

## FENOMENOLOGIA E ONTOLOGIAS HISTÓRICAS

Heidegger (2001, p. 56) afirma que para um esclarecimento do método fenomenológico não se deve recorrer às ontologias historicamente dadas ou a tentativas semelhantes a esta.

[...] não queremos conhecer de maneira historiológica o que caracteriza a corrente moderna da filosofia denominada fenomenologia. Não trataremos da fenomenologia, mas daquilo que a própria fenomenologia tem em questão (HEIDEGGER, 2012, p.7).

Por ontologias historicamente dadas (historiologia/historiografia)<sup>6</sup>, nosso autor entende todas as grandes filosofias desde os gregos<sup>7</sup>. Portanto, fica claro que não é através da abordagem lógico-científica dos eventos do passado (neste caso, das ontologias já desenvolvidas na história da filosofia) que Heidegger pretende explicitar de modo preliminar o conceito de fenomenologia. Em outros termos, não visa tratar da fenomenologia tal como esta se deu no passado, mas, como ficou explícito acima, a partir das questões que são próprias à fenomenologia, “[...] daquilo que a própria fenomenologia tem em questão”. (HEIDEGGER, 2012, p. 7). O que é tema da fenomenologia é o ser. Como já indicamos, o ser é tema próprio da filosofia. Se a fenomenologia é o método da filosofia, logo, o tema da fenomenologia deve ser o próprio ser.

Este método também não deve prescrever “um ponto de vista” ou uma “corrente”<sup>8</sup>, na qual o objeto deve ser tratado. Com a expressão fenomenologia Heidegger se refere a um conceito de método. Este termo não expressa o conteúdo essencial dos objetos. Isto é, a fenomenologia não expressa “o quê?” são os objetos da investigação filosófica. Ele expressa o modo “como” os objetos são. A fenomenologia expressa a seguinte máxima: “ir às coisas mesmas!” ou “as coisas em si mesmas”<sup>9</sup>. Este “ir às coisas mesmas!” expressa uma possibilidade existencial do *Dasein*.

Esta máxima é explicitada de duas maneiras em *Ser e Tempo*. Primeiramente, reporta-se a um comportamento crítico. Neste sentido “ir às coisas mesmas” possui o significado de ir

<sup>6</sup> Historiologia e historiografia são usadas com o mesmo significado: abordagem lógico-científica dos eventos do passado, conforme *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* de Heidegger (2012, p. 7).

<sup>7</sup> (HEIDEGGER, 2012, p. 23).

<sup>8</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 57).

<sup>9</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 57).

contra “construções soltas no ar” e “pseudo questões que se apresentam”<sup>10</sup>. Assim, este conceito vincula-se à discussões críticas com a tradição, com suas (da tradição) elaborações teóricas. A outra explicitação se efetiva com a análise dos termos *logos* e fenômeno. Estes termos são constitutivos da fenomenologia. Com a conclusão desta análise, a fenomenologia é definida como uma investigação teórica que leva os objetos à forma de fenômeno. Levar à forma de fenômeno significa “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2001, p. 65).

Estas duas interpretações estão vinculadas entre si. Isto fica transparente, pois a necessidade de se levar os objetos à forma de fenômeno advém dos encobrimentos proporcionados pelas construções teóricas inadequadas da tradição. O conceito de encobrimento mostra-se como um conceito contrário ao conceito de fenômeno. Em *Ser e Tempo* são apresentados diferentes tipos de encobrimento possíveis. Um fenômeno pode nunca ter sido descoberto e, por isto, permanece encoberto. Mas, um fenômeno pode estar entulhado, ou seja, já foi descoberto e voltou a encobrir-se. Este encobrir-se pode ser total ou um entulhamento parcial. Neste último caso, o objeto, que já foi levado à forma de fenômeno, encontra-se na forma da aparência. Estes encobrimentos a que Heidegger se refere, como já dito, são as construções teóricas inadequadas da tradição filosófica.

A seguir nosso estudo fará a exposição das análises dos conceitos de *logos* e fenômeno, bem como do conceito preliminar de fenomenologia, apresentados em *Ser e Tempo*. Realizada esta exposição, apresentaremos as três etapas do método fenomenológico e indicaremos a relação destas etapas com a definição de fenomenologia apresentada no § 7 de *Ser e Tempo*.

## A INTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE FENÔMENO

Fenômeno em sentido grego diz mostrar, diz o que se mostra, o que se revela, o manifesto. Fenômeno também tem o significado de luz, de brilho e quer dizer trazer a luz, pôr no claro. Luz é aquilo em que algo pode tornar-se manifesto, pode tornar-se visível. Fenômeno é aquilo que se revela, aquilo que se mostra em si mesmo. É o conjunto (totalidade) do que se revela na luz do dia, do que se põe a claro. Isto, os gregos identificavam como *ta onta*, aquilo que é. Existe a possibilidade de o ente mostrar-se como aquilo que ele

---

<sup>10</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 56).

não é. Neste caso, o fenômeno possui o significado do que “se faz ver assim como”, tem significado de aparência. Assim, ele é interpretado como uma forma secundária de referir-se a coisa, ele não mostra a coisa como ela é, mas como parece ser. Neste sentido, fenômeno “designa um bem, que se deixa e faz ver como se fosse um bem, mas que ‘na realidade’ não é assim como se dá e apresenta” (HEIDEGGER, 2001, p. 58). Esta forma secundária só é possível quando algo pretende mostrar-se assim como é. A aparência funda-se e sustenta-se no fenômeno, ou seja, no que se mostra. Rodriguez Garcia (1987, p. 75) esclarece a este respeito: “su significadi primigenio es el que indica la voz griega fenómeno: lo que se muestra en sí mismo, las cosas (apareciendo) como son”. E da aparência: da idéia formal de fenômeno, “hay que distinguir otras formas de aparecer o mostrarse las cosas. Una de ellas consiste precisamente en aparecer como siendo lo que se es” (GARCIA, 1987, p. 75). Terminologicamente, a palavra é usada para designar fenômeno em seu sentido originário, ou seja, como o que se mostra. A manifestação é outra distinção de fenômeno não originário. No entanto, não exprime o mesmo que aparência. Manifestação indica algo que em si mesmo não se mostra. As manifestações de uma doença não são a própria doença. A doença não se mostra. A manifestação indica a doença que em si mesmo não se mostra. Deste modo a manifestação diz um anunciar-se de algo que não se mostra. O não mostrar-se da manifestação não é o mesmo que o não mostrar-se da aparência. A manifestação nunca poderá ter aparência de algo, pois apenas indica algo que não se mostra. O fenômeno também é fundante da manifestação. Isto quer dizer que ela só é possível com base no mostrar-se de algo. Na manifestação, o fenômeno já é pressuposto, visto que ela indica algo que se manifesta, mas que não é manifestação. Deste modo, o fenômeno é constitutivo da manifestação. O fenômeno pode transformar-se em aparência, então, a manifestação pode tornar-se simples aparência. Por exemplo, o rosto vermelho pode ser tomado como anúncio de febre. No entanto, o rosto pode parecer vermelho devido a uma iluminação. O rosto não está vermelho, ele parece vermelho. Portanto, neste caso, o rosto vermelho não é anúncio de febre. Logo, a manifestação é uma simples aparência.

Heidegger afirma que para não haver confusão entre os vários significados (sentidos) de fenômeno, este conceito deve ser compreendido, isto é, deve ser compreendido o conceito daquilo que se mostra em si mesmo. Para a apreensão deste conceito é necessário determinar o ente que é interpelado como o que se mostra. É necessário que também se determine se o que se mostra é o ente, ou um caráter ontológico de um ente. Ao contrário, teremos apenas um

conceito formal do mesmo, sem a apreensão de seu conteúdo. A distinção entre a fenomenologia formal e a fenomenologia desformalizada será abordada mais adiante.

Exporemos a seguir o conceito de *logos*, tal como Heidegger o apresenta em *Ser e Tempo*.

## A INTERPRETAÇÃO DO *LOGOS*

Heidegger afirma que em Platão e Aristóteles o conceito de *logos* é polissêmico. Os vários significados tendem a dispersão, aparentando não haver um significado básico. Entretanto, para Heidegger, há um significado básico. Este é apreendido como discurso. Sendo discurso a significação básica de *logos*, torna-se necessário a caracterização do que é discurso. Segundo *Ser e Tempo*, a história do *logos* posterior a Platão e Aristóteles encobre o significado básico do termo. Desta forma, *logos* é interpretado como razão, juízo, relação, etc. O *logos* como discurso quer dizer por à vista, fazer ver, fazer conhecer. Deste modo, a significação básica de *logos* é “revelar aquilo de que trata o discurso” (HEIDEGGER, 2001, p. 65) para aquele que discorre, assim como para aqueles que discursam uns com os outros. Com os outros, isto é, outros entes humanos. O deixar e fazer ver do discurso se dá a partir daquilo sobre o que se discorre.

A verdade do *logos* significa desvelar o ente sobre o qual se discorre, no dizer entendido como fazer ver, fazer conhecer. A verdade é, então, desveladora do ente. Ela deixa e faz ver o ente como algo desvelado. A falsidade tem, ao contrário da verdade, o sentido de encobrimento. Isto significa que a falsidade deixa e faz ver algo como ele não é. Ela encobre o que ele é. A falsidade coloca algo na frente de algo e o propõe como algo que ele não é.

A idéia primária de verdade é desvelamento. Desvelar é mostrar o ente tal como ele é. Então, o *logos* não pode ser o lugar primário da verdade, pois no lugar primário da verdade não há velamento. Resta saber qual é o lugar primário da verdade para os gregos. Segundo Heidegger, esta verdade anterior ao *logos* é a simples percepção sensível de algo. Nesta percepção só há descobrimento, nunca algo se encontra encoberto. A simples percepção capta as determinações do ser dos entes como tais. Esta percepção nunca será falsa. O que pode acontecer é não haver percepção. Pois, na percepção, o ente só pode estar descoberto. Nela ele só se mostra como o que ele é, nunca como o que ele não é.

Estes esclarecimentos, a respeito dos conceitos de *logos* e fenômeno, são suficientes para a apresentação do conceito preliminar de fenomenologia. Esta apresentação será a próxima tarefa de nosso trabalho.

## A FENOMENOLOGIA COMO CIÊNCIA DO SER

O exame realizado dos conceitos de fenômeno e *logos* mostra, de acordo com *Ser e Tempo*, que estes termos estão intimamente ligados. A fenomenologia pode ser expressa, após a análise dos conceitos de *logos* e fenômeno, do seguinte modo: fenomenologia é um “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2001, p. 65). Este, no entanto, é um conceito formal de fenomenologia, ou seja, não apresenta ainda o seu conteúdo. Em seu sentido formal, o conceito de fenomenologia significa toda mostraçãõ de um ente que se mostra por si mesmo.

Este conceito formal de fenomenologia deve ser desformalizado e transformado em conceito fenomenológico, ou seja, em um conceito que aponte para a questão do ser. O ser ou a ontologia é o que deve tornar-se o conteúdo da fenomenologia. Fenômeno em sentido fenomenológico, no sentido do conceito de fenomenologia desformalizado, é aquilo que constitui o ser. A fenomenologia é, portanto, em seu conteúdo, a ciência do ser dos entes – ela é ontologia.

Uma investigação fenomenológica é hermenêutica, é interpretativa. O ser, segundo Heidegger, é sempre ser de um ente<sup>11</sup>. Portanto, uma investigação fenomenológica deve partir de um ente. O ente que tem privilégio na questão do ser é o ente que tem compreensão de ser. Este é o *Dasein*. Ele compreende seu próprio ser, isto é, a sua existência. Desta compreensão advém o seu privilégio, frente os demais entes, na questão do ser. Sendo que a investigação fenomenológica é interpretativa, então, é através da interpretação do ente humano, deste ente que compreende ser, que se obtêm a possibilidade de uma investigação ontológica. Realizados estes esclarecimentos sobre os termos que compõe a palavra fenomenologia, assim como uma breve elucidação do significado preliminar da fenomenologia, a seguir, passaremos à exposição das etapas do método fenomenológico de acordo com *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*.

---

<sup>11</sup> (HEIDEGGER, 2001, p. 68).

## AS ETAPAS DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Em Heidegger o método fenomenológico está incorporado à analítica existencial, a uma hermenêutica do *Dasein*. Com esta incorporação é realizado o “encurtamento hermenêutico”. Stein denomina o “encurtamento hermenêutico” como:

a rejeição de Deus e das verdades eternas e a forclusão (rejeição) do mundo e a rejeição das leis naturais (o que Heidegger chamará de superação metafísica) e a proposta de superação da relação sujeito objeto, base das teorias da consciência (STEIN, 1988, p. 28).

Este mesmo autor afirma<sup>12</sup> ainda que esta superação da relação sujeito-objeto prepara a mudança do paradigma tradicional, e aponta para um novo paradigma metodológico.

Portanto, alinhado a esta mudança, Heidegger apresentará sua proposta metodológica. Nesta perspectiva, são três as etapas em que se desenvolve a fenomenologia: a redução, a construção e a destruição fenomenológica. Nossa próxima tarefa será apresentar alguns esclarecimentos a respeito destas etapas.

1. A redução fenomenológica: A redução é descrita como a “recondução do olhar do ente para o ser” (HEIDEGGER, 1989, p. 28-29). Isto significa que a redução refere-se à diferença entre a filosofia e as ciências positivas, ou melhor, dos seus respectivos objetos. A filosofia dirige sua investigação para o ser, enquanto as ciências positivas dirigem-se aos entes. No modo tradicional de tratamento da questão do ser, este era tratado como um ente. Em Heidegger, com a redução, o ser é visualizado (ele poderá ser apreendido) a partir da interpretação do ser-aí, isto é, do ente que compreende ser. Só a partir deste ente pode-se visualizar a questão do ser, posto que só há ser em uma compreensão de ser. A redução é um procedimento negativo do método, pois ela capta a diferença entre filosofia e ciências positivas, sem apresentar as estruturas e o sentido do ser.

2. A construção fenomenológica: As estruturas e o sentido do ser são obtidos com a construção fenomenológica. Na construção o ente é projetado de modo a esclarecer o seu ser. É a partir da tematização do ser de um ente que se dá a possibilidade da investigação ontológica. Esta é uma possibilidade a ser projetada pelo ser-aí.

---

<sup>12</sup> (STEIN, 1988, p. 28).

“A construção fenomenológica é uma interpretação conceitual do ser e de suas estruturas” (HEIDEGGER, 1989, p. 31). Aprender o ser tem o caráter de uma interpretação. Com a hermenêutica do estar-aí é obtido o sentido de seu ser, assim como o sentido do ser em geral, ou seja, a perspectiva, o horizonte em que deve ser colocada e tratada uma investigação ontológica.

Aos dois momentos apresentados liga-se um terceiro: a destruição fenomenológica.

3. A destruição fenomenológica: A destruição é descrita como crítica a tradição. O ponto de partida desta crítica reside na afirmação de que toda investigação ontológica deve começar pelo ente. Isto, entretanto, não significa que o ser deva ser tematizado como um ente. Este modo equivocado de tematização é o que Heidegger critica na tradição filosófica. O problema que se coloca é o problema acerca do modo como o ente deve ser abordado nesta investigação.

Devemos esclarecer, embora sendo crítica a tradição, a destruição não tem o aspecto de negação da tradição. Ela é uma crítica-apropriadora da tradição filosófica, isto é, é uma crítica que pretende apontar (mostrar) a origem de certos conceitos. É crítica porque pretende apontar para os encobrimentos destes conceitos. Ao mesmo tempo, a destruição apropria-se dos conceitos e teses tradicionais. Apropria-se dos conceitos em que o método foi aplicado e que, portanto, não estão mais encobertos. Apropria-se dos conceitos apanhados em sua origem.

Devemos ressaltar, então, a relação entre redução, construção e destruição: a destruição depende da colocação de novos questionamentos (da construção). A construção depende, tanto do estabelecimento da diferença ontológica (redução), quanto de uma crítica-apropriativa da tradição (destruição).

Vimos que a fenomenologia é definida como o deixar e fazer ver os objetos por si mesmos, tal como se mostram a partir de si mesmos. Este é o conceito formal de fenomenologia. Com a desformalização, o que deve ser mostrado é o ser e suas estruturas. A fenomenologia leva os objetos à forma de fenômeno, do que se mostra em si, retirando os encobrimentos que mostram o objeto tal como ele não é. Logo, as três etapas do método, devem possibilitar que aquilo que é tema da filosofia apresente-se na forma de fenômeno, retirando os encobrimentos herdados da tradição.

Realizados tais esclarecimentos, apresentaremos (em parte) a interpretação fenomenológica da tese kantiana realizada por Heidegger em *Problemas Fundamentais da*

*Fenomenologia*. Com esta exposição ficará claro em que perspectiva podemos entender como as etapas do método retiram os encobrimentos da tradição.

## APONTAMENTOS CONCLUSIVOS

Nesta etapa, visamos explicitar (a partir de alguns pontos da interpretação fenomenológica realizada por Heidegger sobre a questão do ser em Kant), sob certos aspectos, o que expussemos do método fenomenológico-hermenêutico sobre a noção de fenômeno (o que se mostra em si mesmo, “as coisas em si mesmas”) e de encobrimento (total ou parcial) em sua relação com a redução, destruição e construção fenomenológicas.

Inicialmente, pautados (tendo em vista) na noção heideggeriana de redução, “a recondução de nosso olhar do ente para o ser” (HEIDEGGER, 2012, p. 37), vemos que, ao abordar (realizar a interpretação fenomenológica) a tese kantiana segundo a qual o ser não é um predicado real<sup>13</sup>, fica patente que a ideia de ser é extraída de um ente:

Nós nos encontramos diante do fato estranho de Kant discutir o conceito mais universal de ser em geral lá onde trata da cognoscibilidade de um *ente* totalmente determinado, de um *ente* insigne, de Deus [...] Deus é o *ente* supremo, *summum ens*, o *ente* mais perfeito, *ens perfectissimum*. Aquilo que é da maneira mais perfeita possível é aquilo que, na maioria das vezes, evidentemente mais se presta ao papel do ente exemplar, do qual se pode extrair a ideia de ser (HEIDEGGER, 2012, p. 47 e 48. Grifo nosso).

Como a citação acima deixa claro, Deus é um ente<sup>14</sup>, um ente diferenciado é certo, mas, um ente! Dada sua peculiaridade (é o ente máximo, mais elevado e que possui a maior perfeição) este *ente* é entendido como ser. No entanto, Deus é um ente. Portanto, se o ente é tomado como ser, a redução fenomenológica, a recondução de nosso olhar do ente para o ser não foi efetivada, isto é, mantém-se a indistinção entre ser e ente.

<sup>13</sup> Não é nosso objetivo discorrer exaustivamente sobre esta questão. Sobre a *interpretação fenomenológica de Kant*, ver capítulo 1, A tese de Kant: ser não é nenhum predicado real em *Problemas Fundamentais da Fenomenologia*.

<sup>14</sup> Ente é aquilo que possui determinações de um modo específico, cuja universalidade, por exemplo, é genérica, é do gênero, apreendido, portanto, pelo gênero próximo e a diferença específica. No entanto, conforme *Ser e Tempo* de Heidegger (2001, p. 26), a universalidade de ser não é genérica, mas transcende a universalidade de gênero. “[...] o ser não é o gênero dos entes e, não obstante, diz respeito a todo e qualquer ente. A sua ‘universalidade’ deve ser procurada mais acima” (HEIDEGGER, 2001, p. 69).

Podemos notar também que há o encobrimento do fenômeno<sup>15</sup>, porque o ser permanece encoberto. O que se mostra é um ente, Deus, que é tomado enquanto ser. “O ser pode encobrir-se tão profundamente que chega a ser esquecido, e a questão do ser e de seu sentido se ausentam” (HEIDEGGER, 2001, p. 66). Tomar Deus (ente) como ser encobre e/ou desfigura o ser.

Exposto isto, sobre a redução, vejamos uma afirmação na qual podemos identificar outro componente do método fenomenológico, a destruição:

[...] o fato de o problema do ser em geral estar associado da maneira mais estreita possível com o problema de Deus, [...]. Não podemos explicitar aqui em que está fundamentada esta estranha conexão que, contudo, não é de início de maneira alguma óbvia; [...] (HEIDEGGER, 2012, p. 48-49).

Sobre esta conexão, Heidegger (2012, p. 34 e p. 48) menciona Aristóteles e a relação por este estabelecida entre filosofia primeira e teologia. Nos deparamos com essa conexão, segundo Heidegger (2012, p. 48), mesmo na filosofia pós-kantiana, tendo Hegel como seu caso mais extremo. Portanto, fica evidente a necessidade da destruição, de “uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais” (HEIDEGGER, 2012, p. 39). Destruição fenomenológica<sup>16</sup> não deve ser entendida como negação, aniquilação, como condenação da tradição à nulidade, mas como apropriação positiva, pois a destruição visa alcançar as fontes tradicionais das quais os conceitos foram tradicionalmente hauridos.

Há outro ponto presente no início<sup>17</sup> da interpretação fenomenológica de Kant de extrema relevância para compreender a retomada ontológica heideggeriana: a existência entendida como modo de ser das coisas. A tradição apreende o ser-aí ou a existência como “o ser presente à vista” ou “presença à vista” (grifos do autor). O ser presente à vista designa as coisas naturais em sentido amplo. Nesta perspectiva, a apreensão do ser na tradição guia-se pela ideia de presença à vista, pela ideia de coisas naturais, de natureza.

Em outras palavras, Heidegger aponta para o fato de a tradição entificar o ser, seja a partir de Deus ou da natureza (mundo natural)<sup>18</sup>. “Era a entificação do ser que o filósofo

<sup>15</sup> Fenômeno em sentido desformalizado diz respeito ao que constitui o ser. “Em sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser [...]. Em seu conteúdo, a fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia” (HEIDEGGER 2001, p. 68).

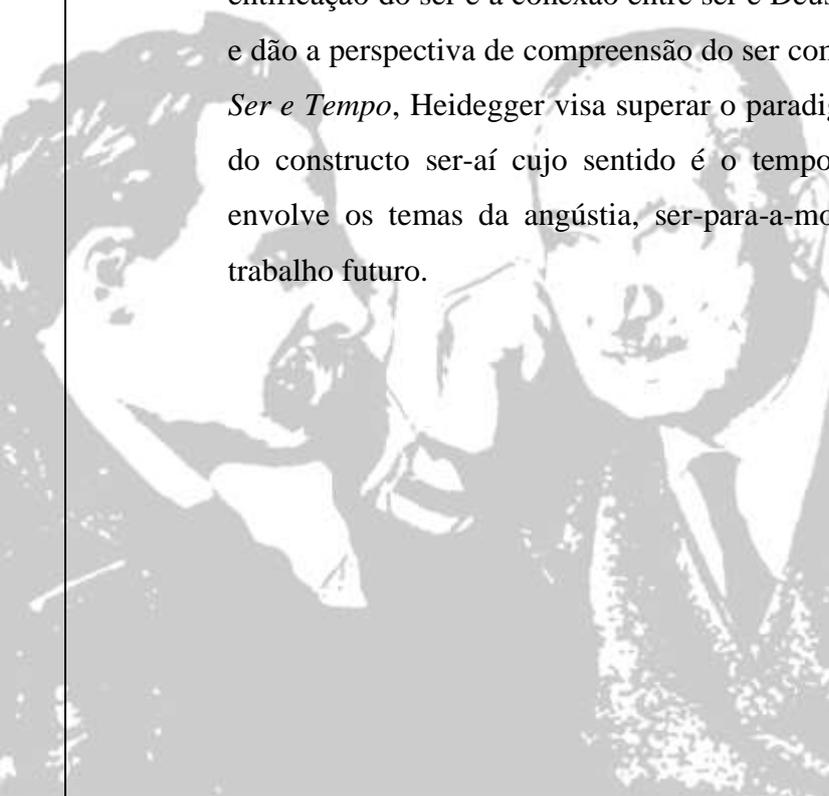
<sup>16</sup> Ver *Problemas Fundamentais da Fenomenologia* (HEIDEGGER, 2012, p. 39).

<sup>17</sup> Ver *Problemas Fundamentais da Fenomenologia* (HEIDEGGER, 2012, p. 46).

<sup>18</sup> Sobre a ideia de mundo em Descartes ver *Ser e Tempo* § 19. A determinação de mundo como *res extensa*.

diagnosticava: aquilo que pelo encurtamento hermenêutico excluía do âmbito da filosofia, isto é, Deus e o mundo, passava de algum modo, a ocupar o lugar do ser” (STEIN, 1988, p. 44). Ainda de acordo (relembrando o que já expomos) com Stein (1988, ps. 9, 14, 20, 21, 28, 37 e 42), o autor de *Ser e Tempo* visa delimitar a tarefa filosófica (encurtamento hermenêutico) liberando a filosofia de Deus e do mundo natural.

Como vimos, a tradição filosófica é atravessada e eivada pela ideia de infinito (eterno) na entificação desenvolvida a partir de Deus, a partir da natureza, de presença à vista. A entificação do ser e a conexão entre ser e Deus perpassam o pensamento filosófico metafísico e dão a perspectiva de compreensão do ser como não transitório, não histórico, não finito. Em *Ser e Tempo*, Heidegger visa superar o paradigma presente nos modelos da tradição partindo do constructo ser-aí cujo sentido é o tempo finito. A questão da finitude em Heidegger envolve os temas da angústia, ser-para-a-morte entre outros. Estes são assuntos para um trabalho futuro.



## REFERÊNCIAS

GARCIA. R. 1987. **Heidegger y la crisis de la Epoca Moderna**. Editorial Cincel, Madrid.

HEIDEGGER. M. 2001 [1927]. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia de Sá Cavalcante. Parte I. Vozes, Petrópolis.

\_\_\_\_\_. 2012 [1927]. *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. 1962. **Being and Time**. Translated by John Macquarrie and Edward Robinson, New York, Harper & Row.

\_\_\_\_\_. 1982. **The Basic Problems of Phenomenology**. Translated by Albert Hofstadter, Bloomington, Indiana University Press.

STEIN. E. 1988. **Seis estudos sobre ‘Ser e Tempo’**. Vozes, Petrópolis.

